

A Farsa do Mestre Pathelin Texto Rua

Autor anônimo medieval
Adaptação Hélio Muniz

Personagens:

Pathelin
Guilhermina
Guilherme
Teobaldo
Juiz

Cena 1

Cenário: Lona de circo, na rua.

Ator 1 – Vai começar a peça, pode devolver o meu figurino.

Ator 2 – Não tiro, eu vou fazer o Pathelin.

Ator 1 – Tira já o meu figurino. Essa roupa é minha.

Ator 2 – Vem tirar.

Ator 1 – Eu vou quebrar a tua cara!

Ator 2 – Vem, vem....

(Atriz levanta e apita)

(Atores testam os instrumentos musicais)

(Ator que vai fazer o Pathelin exagera no tocar o instrumento)

(Tocam a música inicial, atriz apita e arrumam o cenário para a primeira cena)

Pathelin – Por Deus, Guilhermina. Por mais que dê tratos à bola, não consigo descobrir um meio de ganhar um vintém. Houve tempo, no entanto, em que não faltavam clientes nem belos escudos.

Guilhermina – Pois é, esse tempo já vai longe. Para mim, a advocacia é a pior profissão do mundo. Um dia bem, um dia mal, ora enganando, ora enganado. Nunca vi coisa assim.

(Derruba o chapéu do Pathelin. Este faz uma acrobacia ao som de tambores).

Pathelin – E posso jurar que não há nesta cidade melhor advogado do que eu. Ninguém conhece como eu as correntes, as molas, as engrenagens dos processos. Não há quem seja mais experto do que o doutor Pathelin para torcer as leis. Sou um verdadeiro mestre...

Guilhermina (cortando) – .de trapaça! Neste domínio você não cede a ninguém o primeiro lugar.

Pathelin – Isso não vem ao caso. O que precisamos é achar algum modo de ganhar dinheiro. Veja em que estado estão o seu vestido e a minha roupa. Até parece que estamos vestidos de gaze, como anjos de procissão.

Guilhermina – É verdade. Cada vez que sento ou encosto em algum lugar, tenho medo de deixar colado um pedaço da minha saia. O dia em que isto acontecer, só me resta o recurso de fingir de parálitica e passar o resto da minha vida sentada... Porque ganhar outro vestido, não tenho a menor esperança.

Pathelin – Pois você ganhará um, e hoje mesmo. Acabo de ter uma idéia magnífica.

Guilhermina – Minha Nossa Senhora! Suas idéias magnificas já o levaram ao pelourinho.

Pathelin – Deixe-se de tolices. O que pretendo fazer não terá a menor conseqüência.

Guilhermina – Hum!

Pathelin – Vamos, de que cor e de que fazenda você quer seu vestido?

Guilhermina – Da cor e da fazenda que você conseguir extorquir do comerciante, que for bastante tolo para lhe vender fiado.

Pathelin – Está bem. Você verá que o espírito é mais forte que a matéria e que o homem de espírito não precisa de dinheiro para vestir sua cara-metade e a si próprio. Até já.

Guilhermina – Vá com Deus. Se encontrar algum otário, não se esqueça de beber com ele.

(Ator toca música para troca de cenário)

Cena 2

Pathelin – Deus o guarde, mestre Guilherme.

Guilherme – E ao senhor também, (jogo de mãos) doutor... doutor.... doutor... Pedro!

Pathelin – Ainda bem que o senhor me reconhece. Não houve maior amigo do falecido senhor seu pai do que eu. Deus de glória à sua alma. Que santo homem era ele! Mas o senhor é retrato vivo dele... Mas... como vão os negócios?

Guilherme – Hum... Assim, assim. O senhor sabe, comércio é profissão ingrata.

Pathelin – Sem dúvida, mas para um homem honesto, inteligente e ativo como o senhor, as coisas não podem deixar de ir bem.

Guilherme – Bom, sempre dá para viver, mas os negócios podiam ir melhor...

Pathelin – Ora vamos, eu o conheço... quando se tem as suas qualidades físicas e morais...ahhh Seria preciso que neste ponto o senhor não se parecesse nada com o falecido senhor seu pai - Mas meu Deus, quanto mais eu o olho mais o acho parecido com ele. Os mesmos olhos, a mesma boca, o mesmo nariz... Ah, duas gotas d'água não seriam mais parecidas. (Guilherme tira o pano do caixote). Mas que linda fazenda é esta?

Guilherme – É fazenda de Ruão, muito bem tecida, veja.

Pathelin – Estou vendo. É muito cara?

Guilherme – Não tanto... Doze soldos o metro...

Pathelin – Dois?

Guilherme – Doze.

Pathelin – E o senhor diz que não é cara?

Guilherme – A tosquia está tão difícil. (pede a música) O senhor não sabe como a fazenda tem subido de preço... Tenho tido tanto prejuízo... Os tecelões aumentaram o preço do trabalho, os carneiros tem morrido de peste ou então pela falta de cuidados dos pastores. Eu mesmo estou com um caso desses.

Pathelin – Qual?

Guilherme – Um patife de um pastor que eu próprio criei. Matava-me os carneiros para comê-los ou vendê-los. Depois vinha me dizer que tinham morrido de peste. Acabei descobrindo e a brincadeira vai lhe sair cara. Fiz queixa ao meirinho e ele mandou intimar o pastor para se apresentar amanhã mesmo diante do juiz. O canalha pegará pelo menos umas boas horas no pelourinho.

Pathelin – Se o senhor precisar de um advogado estou às suas ordens. Não é para me gabar, mas não sou dos piores. Liquidado em um instante o seu caso. Se o senhor quiser posso mandar enforcá-lo.

Guilherme – Não quero tanto, o pelourinho basta... Mas, voltando à fazenda, tudo isso faz com que o preço dos tecidos tenha aumentado prodigiosamente.

Pathelin – Estou tentado com esta fazenda. Que maravilha de tecido! Só uma casa de primeira ordem se poderia encontrar tal coisa.

Guilherme – Leve-a, o senhor não se arrependerá. É um tecido forte e de cor firme.

Pathelin – Estou vendo. Estou vendo. Só acho um pouco cara. Se o senhor deixasse o metro a dez soldos...

Guilherme – (Desenrola o pano) Por Deus, que não posso. Doze soldos foi quanto ela me custou. Estou lhe vendendo pelo preço de custo.

Pathelin – Bem vá lá. Não vou brigar com o filho do meu melhor amigo por tão pouco. O senhor pode cortar.

Guilherme – Quantos metros?

Pathelin – Para mim, um... dois... três e meio. Para minha mulher, dois e meia. Ela é alta... é isso mesmo. Cinco metros e meio. Não, seis.

Guilherme – Porque não leva toda a peça? São sete metros.

Pathelin – É, está bem. Sobra um pouco, mas não faz mal.

Guilherme – Fazenda nunca é demais. Nunca, nunca, nunca..... nunca. Está aqui a peça. São nove escudos.

Pathelin – O senhor virá recebê-los em minha casa onde jantará comigo um admirável pato que minha mulher está cozinhando.

Guilherme – Está bem. Quando eu for levarei a fazenda.

Pathelin – De modo algum. Então vou deixar um comerciante conceituado como o senhor, filho de um grande amigo meu, carregar a fazenda? Ora Isso é bom pra gente sem importância.

Guilherme – Mas... Não senhor... Eu posso levar. Está bem assim.

Pathelin (apanhando a fazenda) – De modo algum. Só assim o senhor virá à minha casa.

Guilherme – Mas eu posso ir levando a fazenda.

Pathelin – Será que o senhor desconfia de mim?

Guilherme – Não! Oras. Nada de cerimônias. Doutor Pedro, eu posso levar muito bem.

Pathelin – Se o senhor não tem confiança em mim, se acha que sou desonesto, é outra coisa. Mas neste caso não lhe faço a injúria de pensar que o senhor me julga de tal maneira.

Guilherme – Não julgo, não. Enfim, se não há outro meio...

Pathelin – Está claro que não há outro meio. Venha sem falta às seis horas. Posso garantir que o senhor não terá comido em sua vida muitos patos como o que o senhor vai comer em minha casa. Quanto ao vinho, prefiro nem falar. O senhor mesmo o julgará. A propósito, como quer que lhe pague? Em ouro ou em prata?

Guilherme – Prefiro em ouro, se for de bom peso. E não se esqueça de tê-lo à mão quando eu lá chegar.

Pathelin – O senhor só receberá depois do jantar! Por Deus mestre Guilherme, só assim o senhor conhecerá o caminho de minha casa. Seu falecido pai o conhecia muito bem. Nunca deixava de me cumprimentar quando passava. Mas o senhor não se dá com gente pobre... (sai)

Cena 3

Guilherme (só) – Pobre... Pobre sou eu... Eu... O dinheiro que ele vai me pagar ficará bem guardado. Bem diz o ditado que não há um esperto que não encontre outro mais esperto. Esse advogado, mestre da trapaça, levou por doze soldos um tecido que não vale nem nove...

(Música para troca de cenário)

Cena 4

Pathelin (entrando vitorioso) – E então?

Guilhermina – E então o que?

Pathelin – Eu não lhe dizia? Pode jogar fora seu vestido velho.

Guilhermina – Que diabo é isto?

Pathelin (desdobrando a fazenda) – Veja e creia.

Guilhermina – Virgem Nossa Senhora! Algum cliente deixou isto como penhor? Você comprou fiado? Meu Deus, quem pagará?

Pathelin – Quem pagará? Mas já está paga e bem paga. Posso afirmar a você que o comerciante que ma vendeu não é nenhum tolo.

Guilhermina – Vá enganar a outra. Não se esqueça de que estamos casados já há alguns anos. Conheço você como a palma da minha mão.

Pathelin – Não temos tempo a perder, por isso vou lhe contar o caso em duas palavras. Você conhece o mestre Guilherme Côvado?

Guilhermina – Sim.

Pathelin - Pois bem, é o comerciante mais avarento e ladrão que já vi, tal qual seu falecido pai.

Guilhermina – O meu?

Pathelin – Não, o dele.

Guilhermina – Ah...

Pathelin - Pois bem, eu, com a minha lábia, abordei-o fazendo mil elogios a um e ao outro, assinalando a semelhança entre os dois, fazendo-lhe tantas cortesias, que quando chegou a hora de me fiar a fazenda apesar de gemer, não teve coragem de negar.

Guilhermina – A eterna história da raposa e do corvo...

Pathelin – Sem tirar nem pôr. Enfim, prometi-lhe pagar aqui na hora do jantar. Copiosamente regado com um vinho...

Guilhermina – Vinho?

Pathelin - ...que ainda está nas uvas. E prometi também, um pato...

Guilhermina – Pato?

Pathelin - ...que ainda está no ovo. Agora chegou a sua vez de trabalhar.

Guilhermina – Que devo fazer?

Pathelin – Coisa muito simples. Jurar por todos os anjos do céu e da terra que há onze meses estou de cama, doente, louco furioso, fazendo o desespero de todos os médicos. O resto é por minha conta. Você sabe fazer isso?

Guilhermina – E muito mais. Não é em vão que sou sua esposa. Chorarei lágrimas de sangue, hei de convencer o comerciante de que ele está louco ou que viu o diabo.

Pathelin – Ótimo! Vamos preparar a farsa. Vou deitar-me, porque Guilherme não deve tardar. (sai)

Guilhermina (só) – Valha-me Deus! E Santo Onofre Milagroso, ajudai-me nessa empreitada, que vos prometo uma vela de cera... Se acaso tiver o dinheiro que ela custa antes de minha morte. (sai)

Cena 5

Primeiro na rua, diante da casa de Pathelin. Depois no interior.

Guilherme (na rua) – Creio que já está na hora de beber o vinho e comer o pato lá do tal doutor Pathelin! Ah! Meu querido dinheiro, até que enfim vou te ver. Meu coração quase pára quando me lembro que vendi fiado uma peça de fazenda. Ho! Ho! Dr. Pedro Pathelin. (*Bate palmas*) Dr. Pedro Pathelin...

Guilhermina – Que barulho é esse? Se o senhor tem alguma coisa a dizer, fale baixo.

Guilherme – Deus vos guarde, minha senhora.

Guilhermina – Fale baixo.

Guilherme – Mas o que há?

Guilhermina – Eu lhe peço, pelo amor de Deus, não grite!

Guilherme – Onde está seu marido?

Guilhermina – Quisera Deus que ele estivesse com bastante saúde para não estar aqui.

Guilherme – Mas o que quer dizer isto?

Guilhermina – Desculpe, mas não posso ficar aqui muito tempo. Tenho que voltar para perto do meu doente.

Guilherme – Quem é o seu doente?

Guilhermina – Quem há de ser senão o meu marido?

Guilherme – O doutor Pedro Pathelin?

Guilhermina – Não me consta que eu tenha outro marido.

Guilherme – Mas não há quinze minutos que ele esteve comigo, e por sinal me comprou uma peça de fazenda fiado. Vim aqui para receber o dinheiro.

Guilhermina – O senhor está doido? Vá contar suas lorotas a outra, ou se é uma brincadeira, ela está muito fora de hora.

Guilherme – Faça o favor de acabar com as suas! lorotas e vá chamar o doutor Pedro.

Guilhermina – Diabos levem o senhor! Então é o momento de fazer um homem agonizante sair da cama?

Guilherme – Mas não é aqui a casa do doutor Pedro Pathelin?

Guilhermina – Quantas vezes o senhor quer que lhe diga que sim? Está louco, vá para o hospício.

Guilherme – A senhora me diz para falar baixo e grita mais que um general em manobras...

Guilhermina – É que o senhor me faz perder a paciência.

Guilherme – Basta de histórias. Já lhe disse que o doutor Pedro me comprou sete metros de fazenda hoje, agora mesmo. Exijo meu dinheiro.

Guilhermina – Vamos, fale baixo ou vá embora.

Pathelin (de dentro) – Guilhermina, um pouco de água de rosa. Meu Deus, você me deixa sozinho aqui! Água, venha depressa!

Guilhermina – Aí está o que o senhor fez. O pobre homem acordou.

Guilherme – Ainda bem.

Pathelin – Guilhermina, venha depressa expulsar toda esta gente que está aqui fazendo caretas pra mim. Socorro! Socorro!

Guilhermina – Que é isso, meu bem? Você não tem juízo de levantar assim?

Pathelin – Olha esse frade preto que está voando. Peguem, peguem! Ponham-lhe uma estola. Pára, gato. Meu Deus, como ele voa...

Guilhermina – Veja como ele sofre, coitado!

Guilherme – Mas ele caiu doente ao voltar da feira?

Guilhermina – Que feira?

Guilherme – Onde tenho minha loja de fazenda.

Pathelin – Ah! É o senhor, doutor João? Chegou a tempo. Seus remédios deram tanta cólica que estou que não posso.

Guilherme – Que é isso? O senhor não se lembra de mim?

Pathelin – Eu não tomo mais nenhum remédio que o senhor me receitar. Além de serem amargos como fel, fazem uma tal revolta no meu ventre que parece que tenho um exército na barriga.

Guilherme – Sou eu quem está louco ou é o senhor? E o meu dinheiro. Onde está?

Pathelin – Corram, corram! Aí vem eles, socorro! Eles estão me matando...

Guilhermina – Coitadinho, em que estado está.

Guilherme – Não sei o que digo, nem o que penso. Foi ele que veio à minha loja? Foi outro? Só se fosse o diabo por ele. Vamos, minha senhora, diga-me, a senhora não tem um pato cozinhando?

Guilhermina – Ora vejam, que pergunta! Havia eu de ter um pato cozinhando, quando meu marido está neste estado? Mestre Guilherme, procure um médico, o senhor não está bom da cabeça.

Guilherme – É possível, é possível... A senhora me estonteou tanto que já nem sei onde estou. Foi ele? Não sei, meu Deus! Ah! Meu rico dinheiro! Que pesadelo! Enfim, creio que não há mais nada a fazer... Adeus... Será possível? (sai)

Cena 6

Pathelin – Ele já foi?

Guilhermina – Psiu! Ele está perto... Rosna mais que um velho cão de caça. Parece que está sonhando acordado.

Pathelin – Ele, tão desconfiado, acabou caindo como um patinho.

Guilhermina – É para descontar o que ele rouba dos outros. O homem só falava em pato, sem perceber que ele era um, e de que tamanho! (ri muito)

Cena 7

Guilherme (na rua) – Será possível que eu tenha sido enganado por um advogado de água doce? Um João ninguém? Não! (Ouve as risadas). Vejam só a tal mulher dele está rindo... Esperem aí. Estou muito grosso para pavio. Oooo... abram a porta....

Guilhermina – Meu Deus, ele me ouviu. Está voltando. Depressa, vá se deitar.

Guilherme – Ho, ho, abram essa maldita porta.

Guilhermina – Que gritaria! (Ator se empolga no bater a lata). Pára com isso! (Pathelin deixa cair a tampa do caixote na cabeça. Os outros se desconcertam).

Guilherme – A senhora estava rindo, ou pensa que não ouvi?

Guilhermina – Tenho muito motivo para rir, na verdade.

Guilherme – Meu dinheiro. Exijo o meu dinheiro.

Guilhermina – Lá vem o senhor com sua história. É para me divertir? Escolheu muito mal o momento. Meu marido já me dá bastante diversão de um outro gênero. Ele canta, chora, ri, dança, fala em línguas diferentes, de maneira que choro e rio ao mesmo tempo.

Guilherme – Não estou habituado a ser pago com palavras. A senhora pensa que tomo quanto por lebre?

Pathelin – Vamos rápido! De pé. A rainha das violas deu a luz vinte e quatro violinhas. Ela está aí, façam-na entrar. Ela vem me convidar para o batismo. Quero ser seu compadre.

Guilhermina – Ah, pense em sua alma, meu bem. Deixe em paz as violas.

Guilherme – Que contadores de sandices são esses dois. Vamos, meu dinheiro em ouro ou prata.

Guilhermina – Será possível que o senhor ainda não se convenceu do seu engano?

Guilherme – A senhora já pensou, bela dama, o que significa tudo isso? Nunca fui enganado. Mas, palavra de honra, ou a fazenda será paga ou restituída ou então a senhora e seu marido serão enforcados. Juro por Deus.

Guilhermina – Que coragem, atormentar assim um doente! Estou vendo, vendo bem pelos seus modos que o senhor está fora do seu juízo. Valha me Deus! Não bastava meu marido.

Guilherme – Que raiva que tenho de perder assim o meu dinheiro... Quero ser esquartejado se tornar a vender fazenda fiado em minha vida.

Pathelin – Madre de Dios, por mi fé, quiero irme. Que me quieres niña? Venga. Vote monstro. Quiere dinero? No lo tengo, no lo tengo...

Guilhermina – Ele tem um tio espanhol, que era irmão do filho da tia-avó dele, por isso ele fala espanhol...

Guilherme – Ele veio de mansinho e carregou a peça debaixo do braço. Será possível?

Pathelin – Kome hier. Komme hier. Ach! Was ist das? Mein Gott! Gott! Wie ist dieser kaufmann!

Guilherme – Mas como ele fala tantas línguas, meu Deus...

Guilhermina – Sua mãe era sobrinha de um neto de alemão. É por essa razão que ele fala essa língua...

Pathelin – Ho! Signore mio, que me vol cose mercatore? Argento? Nom abiamo noi e si volio uno piccolo assolo daré, stupido huom o!

Guilherme – Que é isso? Deu-lhe na teima de falar todas as línguas do mundo?

Pathelin – If you please, sir. What do you want? Money? I don't... Get out... Get out... Oh God! Oh God!

Guilherme – Que língua renegada. Será possível que ele não se cale?

Guilhermina – O avô do irmão do cunhado dele era inglês e lhe ensinou a falar a língua.

Guilherme – Minha nossa senhora, estarei sonhando? Juraria que foi ele quem esteve comigo há meia hora... Estou tonto... Não sei o que penso...

Pathelin – Et bona dies sit vobis – Magister amantissime, pater reverendissime. Quomomde bralis, qual nova? Parisius non sunt ova.

Guilhermina – Meu Deus, ele está falando latim. É sinal próximo da morte, que os anjos e serafins da corte celestial o assistam...

Guilherme – Mas que será isso, meu Deus? Não há sombra de dúvida, ele está muito mal. É melhor que eu me vá, ele pode dizer segredos que eu não deva ouvir. Certamente não foi ele quem me tirou a fazenda. Deus vos guarde, bela dama. Desculpe-me pelo incômodo. Mas jurava que era ele que tinha me comprado a fazenda fiado...

Guilhermina – Adeus, que os anjos o acompanhem. Reze por mim. O senhor bem ve em que sofrimento estou. (Guilherme sai) Então sou ou não sou uma digna esposa? Meu Deus, como conseguimos enganá-lo... Você não acha que o que nós fizemos foi muito feio?

Pathelin (embaraçado) – Bem... eu... Ora, ladrão que rouba ladrão...

(Música para troca de cenário e número de mágica)

Atriz – Respeitável público. Agora vocês assistirão ao maior, ao melhor, ao magnífico número de mágica!!!!!!... que eu vou fazer pra vocês.

(Pega cartola). Nada aqui, nada aqui. Atenção. Concentração. Tcham, Tchim, Tchum.

Atriz – Povo incrédulo! Descruzem os braços, descruzem as pernas. Comigo.

Ator – A gente comeu.

Atriz – Felipe! Comeram o Felipe, não, não.... Eu vou embora, não faço mais esse espetáculo.

Ator – Não! Volta aqui, por favor termina o espetáculo, você tava tão bem, toca uma música...

Atriz – Em “memorian” ao meu coelho Felipe.

(Música)

Cena 8

Guilherme (só) – Foi sem dúvida o diabo que veio me tentar na forma daquele advogado. Antes tenha a minha fazenda do que a minha alma. Afinal é bem verdade que quem faz a Deus, ao diabo paga. Meus pobres lucros, já se foram em boa parte. Enfim, seja tudo pelo amor de Deus.

Teobaldo (entrando) – Deus vos guarde, mestre Guilherme.

Guilherme – Como, seu canalha, você tem coragem de aparecer na minha frente? Você me mata os carneiros, come a carne, vende a lã e ainda tem a petulância de aparecer na minha frente?

Teobaldo – Por que não, patrão? Eu sei que o senhor é o melhor dos homens.

Guilherme – Chega! Só falarei contigo diante do juiz. (sai)

Cena 9

Teobaldo (só) – Estou bem arranjado. Desta vez o negócio é sério. Tenho que arranjar um advogado. Me disseram que por aqui há um. Se não me engano é essa casa... Ô de dentro...

Pathelin (de dentro) – O que deseja...

Teobaldo – Eu recebi ontem, por um homem de roupa riscada a ordem de comparecer diante do juiz.

Pathelin – liiiii... O negócio é mau. Que foi que você fez?

Teobaldo – Nada demais... Meu patrão é um miserável sovina...

Pathelin – Bem, bem, bem... Isto não vem ao caso. Diga sem mentir o que fez.

Teobaldo – Eu andei matando uns carneirinhos... Coisa sem importância...

Pathelin – O negócio é grave. Roubo, extorsão, dolo. Estás mal parado.

Teobaldo – Meu Deus, e eu que pensei não fazer mal algum...

Pathelin – Me responde. Você tem dinheiro para pagar o advogado que o defender?

Teobaldo – Tenho sim, uns escudos de ouro, daqueles que tem uma coroa marcada.

Pathelin – Ah, então sua causa é boa. É ótima mesmo... Vou lhe ensinar um excelente meio para sua defesa. Venha cá. Você (cochichando) dzz... entendeu?

Teobaldo – Não é difícil. Farei exatamente o que o senhor está mandando.

Pathelin – Então fique tranqüilo. Garanto o bom resultado do seu processo. (olhando em torno) Agora vá-se embora. Não convém que vejam você comigo. (Teobaldo) Alguma coisa há de vir. Esse pastor não me parece tão inocente como se faz, mas enfim... Se ele não tem escudos de ouro, alguma coisa há de ter. E na situação em que estou, tudo que cai na rede é peixe.

(Música para a entrada do juiz)

Cena 10 *Julgamento*

Juiz – (interrompe a música) Silêncio!!! Está aberta a sessão.

Pathelin – Deus vos dê toda a felicidade que o vosso coração deseja, senhor juiz.

Juiz – Seja bem vindo, doutor. Tome seu lugar.

Pathelin – Salvo vosso respeito, estou bem aqui.

Juiz – Se há alguma causa a debater, vamos depressa com ela para que se possa levantar a sessão.

Guilherme – Meu advogado vem já. Ele está acabando um negócio rápido. Peço o favor de esperar um pouquinho.

Juiz – Não pode ser. Tenho outras causas para ouvir. Se a parte contrária está presente, exponha o caso rapidamente. (Juiz para Teobaldo) O senhor não é o queixoso?

Guilherme – Meritíssimo, o queixoso sou eu.

Juiz – Quem é o réu? Está presente?

Guilherme – (aponta para Teobaldo) Sim, hei-lo que não diz uma palavra, só Deus sabe o que pensa.

Juiz – Já que todos estão presentes, comecemos logo.

Guilherme – Eis minha queixa: eduquei por caridade este pastor aqui presente e quando o julguei bastante forte, mandei-o para o campo para pascentar meus rebanhos. Juro por Deus, senhor juiz, que é tão verdade como estar o senhor sentado nessa cadeira e esse miserável, abusando da minha confiança, fez tal morticínio entre os meus carneiros que...

Juiz – (interrompendo-o) Vejamos, ele era seu empregado? O senhor lhe pagava ordenado?

Pathelin – (entrando) Qual nada, senhor juiz, o pobre pastor não recebia vintém.

Guilherme (reconhecendo Pathelin) – Seja eu herege se não for ele. Não há erro possível!
(Pathelin tampa o rosto com a mão)

Juiz – Por que o senhor levanta assim a mão, doutor Pathelin? Está com dor de dentes?

Pathelin – Sim, nunca tive uma dor igual. Mas... continuemos o debate.

Guilherme – É ele, não há sombra de dúvida, foi a ele que vendi sete metros de fazenda.

Juiz – Por que o senhor fala de fazenda?

Pathelin – Ele delira, senhor juiz, porque não sabe concluir. Naturalmente ensinaram-lhe a lição para recitar diante do tribunal e ele se esqueceu, por isso vai dando por paus e por pedras.

Guilherme – Seja eu enforcado, se foi a outro que vendi minha fazenda de ruão. (tira o chapéu do Pathelin)

Pathelin – (para o público, como se esse fosse o júri) Onde esse malvado vai buscar estas invenções para aumentar a culpa de pastor que é sua vítima? Ele quer dizer, eu compreendo, muito bem, que o pastor vendeu a lã de que foi feita minha roupa. Vejam que maldade! Não basta a acusação mentirosa de que o pastor lhe roubou só os carneiros, é preciso acusá-lo de ter roubado uma fazenda que comprei há mais de três anos.

Guilherme – Deus me dê febres quartãs se o senhor não tem o meu tecido. (corre atrás de Pathelin)

Juiz – Calma, onde estamos nós? O senhor não sabe o que diz. Volte à sua causa sem fazer o tribunal perder tempo. Vamos, volte aos seus carneiros. O que aconteceu?

Guilherme – Ele comprou sete metros a nove escudos.

Juiz – Estamos todos loucos? Onde o senhor pensa que está?

Pathelin – (manipulando) Senhor juiz, esse homem toma V.Ex.^a, com perdão da palavra, por um tolo. A julgar pelo seu exterior, no entanto, parece um homem de bem. Proponho que se interrogue o acusado.

Juiz – O senhor tem razão. Ele deve conhece-lo, pois o queixoso é seu patrão. Adiante-se, fale.

Teobaldo – Bee!

Juiz – Está aí outro caso. O que quer dizer Bee? Eu sou por acaso cara de bode? Vamos, fale direito.

Teobaldo – Béeeee!

Juiz – Você está caçoando de mim?

Pathelin – Pobrezinho! Não senhor juiz, jamais ele faria isso. E porque ele é um atoleimado pelos maus tratos do patrão.

Guilherme – Quero ser apedrejado se não foi ao senhor que vendi minha fazenda! (ao juiz) Vossa Excelência não sabe com que malícia...

Juiz – Cale-se! O senhor está louco? Deixe de parte o fato acessório e venha ao fato principal.

Guilherme – Está bem, juro não tocar mais no caso da fazenda. Mas o caso me faz enraivecer... Porém, meus lábios não se abrirão mais sobre esta questão. Por hoje ao menos, porque isso não ficará assim. Eis, portanto, o caso do pastor: (todos aliviados) eu dizia que ele guardava sete metros de fazenda... quer dizer... meus rebanhos, perdão, foi um engano. Esse senhor pastor, quando devia estar nos campos, disse-me que eu teria em pagamento escudos de ouro... Não, quero dizer, que quando ele começou a guardar os meus rebanhos, prometeu-me um excelente jantar com pato... Mas o que estou dizendo, meu Deus? Desculpe-me, senhor rebanho. Ahh, senhor juiz, queria dizer que esse patife do pastor jurou-me guardar sem traição nem dolo os meus carneiros. Pois bem, ele os matava sem piedade e agora nega tudo: dinheiro e fazenda. Ah! Doutor Pedro, isso não se faz! (Corre atrás de Pathelin) Sim, senhor juiz, este canalha de pastor matava-me sem temor de Deus todos os carneiros... quando ele se pilhou com a peça de fazenda debaixo do braço, disse-me que fosse à sua casa...

Juiz – Cale-se! Cale-se! (Para Guilherme) Basta de asneiras, sua queixa não tem rima nem razão. O senhor é um louco. Ora vejam: só fala de carneiros, depois emenda com fazenda, com pato, com jantar, com escudos de ouro... Qual! Só mesmo um louco. (Juiz enlouquecido) Isto aqui não é manicômio.

Pathelin – Naturalmente é porque ele tem a consciência pesada de não pagar ao pobre pastor e ainda por cima inventar um processo ao coitado.

Guilherme – O senhor faria bem em calar-se, ouviu? Minha fazenda onde está ela? Não é o senhor que a tem?

Juiz – O que é que o doutor Pedro tem?

Guilherme – Nada, senhor juiz. Isso não vem ao caso. Trata-se agora dos meus carneiros.

Juiz – Vamos, trate de lembrar-se bem dos fatos e conclua logo.

Guilherme – Estou confuso, senhor juiz. Peço-vos que interrogueis novamente esse patife. Vejamos o que ele tem para dizer. Ele bem que sabe falar...

Juiz (irritado) – Mas...

Pathelin – O pobre pastor não pode falar por si mesmo, nem saberá responder às acusações que lhe forem feitas. Se Vossa Excelência permitir, eu falarei por ele.

Juiz – O senhor quer assisti-lo? Creio que só terá aborrecimentos sem proveito nenhum.

Pathelin – (demagógico) Nem quero ter lucro. Tenho pena de ver um pobrezinho sem defesa, exposto às malévolas acusações de um perverso. Quando se é honesto, o lucro não interessa. Com permissão de Vossa Excelência, vou interrogar o acusado. Aproxime-se, meu amigo. Você me entende? Vamos, fale!

Teobaldo – Béééééé.

Pathelin – O que é? Explique-se melhor.

Teobaldo – Beeeeeeeee.

Pathelin – Sempre a mesma coisa. Você não está vendo que os seus interesses estão em jogo? Responda direito.

Teobaldo – Béééééééééééé.

Pathelin – Diga ao menos, sim ou não.

Teobaldo – Sim... (todos olham para Teobaldo)

Pathelin – Não!!! Não me entende? (baixo) Muito bem, continue a dizer isto...

Teobaldo – Beeeeeee, Beeeeeeeee... Beeeee

Pathelin - Não há nada a fazer. O pobrezinho é idiota mesmo. (Discursando) Veja Vossa Excelência, senhor juiz, até que ponto pode ir a maldade humana. Esse homem tem coragem de trazer perante este tribunal respeitável um pobre idiota, vítima de seus maus tratos, para acusá-lo de um crime que o coitado nunca poderia ter cometido, e isto porque não quer lhe pagar o salário de anos e anos de trabalho. Ele que devia ser o réu, trás ao banco dos culpados um inocente. (a Guilherme) Mas tu te enganas, homem perverso! O juiz, diante de quem estás, jamais se deixará enganar pelos malvados. Sua alta inteligência, seu profundo saber, já descobriram na incoerência de tua queixa, como na idiotice do pastor, onde esta a verdade... (aplausos)

Juiz – O senhor tem razão. Este pastor é um débil mental. Não pode, portanto, responder a processo. (Para Pathelin) Aumentis non suht subjectis juris.

Pathelin - Aumentis non suht subjectis juris?

Juiz - Aumentis non suht subjectis juris!

Pathelin – (Para Teobaldo) Aumentis non suht subjectis juris.

Teobaldo – Au... (todos olham para Teobaldo, ele disfarça e imita um cachorro e late para Guilherme) Au... Au... (rosna)

Guilherme – Juris... Juro que V.Ex.^a se engana. Juro que esse patife tem mais bom senso do que eu.

Pathelin – Só esta reflexão mostra bem quem é o queixoso. Diante de um tribunal que reconhece a debilidade mental do pobre pastor, ele ousa proclamar o perfeito juízo do acusado. Senhor juiz, para evitar delongas ineptas, mande embora o pastor.

Juiz – Sim, é o que resta a fazer. Vá, você está livre. O tribunal reconhece a sua inocência. Não se preocupe mais com as calúnias levantadas contra sua pessoa, não volte nem que um oficial de justiça vá intimá-lo.

Guilherme – Mas isto não pode ser, senhor juiz! Esse pastor é um tratante, um ladrão... Eu posso...

Pathelin – O senhor persiste na sua loucura?

Guilherme - O senhor devia ter vergonha e não falar mais comigo, ouviu? Minha fazenda, onde está ela?

Juiz – Vamos, eu tenho mais que fazer do que estar ouvindo loucuras... Doutor Pedro, o senhor quer jantar comigo?

Guilherme – (furioso) Jantar?

Pathelin – Agradeço-lhe muito, mas os meus dentes...

Juiz – É verdade, eu já havia me esquecido. Deus vos guarde. (sai)

Cena 11

Guilherme – Ah, doutor Pedro, que diabo me leve se o senhor não é o maior trapaceiro do mundo! Então... minha fazenda, meu dinheiro, sua doença?

Pathelin – Sempre a mesma coisa. O senhor devia mudar de nota, porque esta já está monótona. Eu doente? Esta é boa!

Guilherme – Não está doente? Espere aí, vou já já à tua casa... (sai)

Pathelin – É isto, vá lá em casa ver se eu estou doente.
(Teobaldo vai saindo de fininho)

Cena 12

Pathelin - Então meu amigo, teve ou não teve sucesso a minha idéia?

Teobaldo – Béé!

Pathelin – Vamos, fale direito! Já acabou a farsa.

Teobaldo – Béé!

Pathelin – Já lhe disse que fale direito. Vamos, meu pagamento.

Teobaldo – Beeeeeeee!

Pathelin – Que é isso? Você quer me burlar, a mim, o homem mais esperto desta cidade? Vamos, meu dinheiro já, senão vou buscar um soldado.

Teobaldo – Béé!

Pathelin – (para o público) Não tirarei nada. Será possível que eu tenha caído no meu próprio ardil? E que um camponês, uma criança, uma raposinha, engana uma velha raposa matreira? (a Teobaldo) Espere um pouco, miserável, eu vou buscar quem faça você falar. Olá soldado! Olá! Soldado! (sai)

Teobaldo – (para o público) Se ele me agarrar, consinto em ser preso.

Pathelin (voltando) – O que?

Teobaldo – Béé!

(Atrizes começam a brigar, os atores interceptam, começam a tocar a música final).

FIM